



**SUSTENTABILIDADE E FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA
FAMILIAR NAS COMUNIDADES RURAIS DA REGIÃO INTERMEDIÁRIA
DE MONTES CLAROS/MG**

**SOSTENIBILIDAD Y FORTALECIMIENTO DE LA AGRICULTURA
FAMILIAR EN COMUNIDADES RURALES DE LA REGIÓN INTERMEDIA
DE MONTES CLAROS/MG**

**SUSTAINABILITY AND STRENGTHENING OF FAMILY FARMING IN
RURAL COMMUNITIES IN THE INTERMEDIATE REGION OF MONTES
CLAROS/MG**

Ana Ivania Alves Fonseca

Professora no Departamento de Geociências na
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e do
Programa Pós-Graduação em Graduação em Geografia – PPGeo/UNIMONTES
anaivania@gmail.com

Vivian Mendes Hermano

Professora no Departamento de Geociências na
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e do
Programa Pós-Graduação em Graduação em Geografia – PPGeo/UNIMONTES
hermanovivian@gmail.com

Marcela Alves Fonseca

Licenciada em Geografia pela
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES e
Mestranda na Universidade Federal da Bahia – UFBA
marcela.alvesfonsec@gmail.com

Resumo

As comunidades rurais são fortes ferramentas para a sustentabilidade e fortalecimento da agricultura familiar, uma vez que utilizam desse sistema para sua manutenção e perpetuação. O objetivo da pesquisa é compreender a dinâmica e a sustentabilidade da agricultura familiar, tendo como recorte espaço-temporal a região Intermediária de Montes Claros no estado de Minas Gerais/Brasil e analisar as configurações da agricultura familiar ao longo da história. A forma de agricultura familiar exercida na região desempenha um papel marcante para a economia e manutenção de uma população. São suas produções e formas de organização que fazem das pequenas propriedades responsáveis por grande parte dos alimentos distribuídos na região, chegando tanto nos grandes supermercados e hipermercados, quanto às feiras livres e centros de abastecimento.

Palavra-chave: Rural; Associativismo; Cooperativismo.

Resumen

Las comunidades rurales son herramientas fuertes para la sostenibilidad y el fortalecimiento de la agricultura familiar, ya que utilizan este sistema para su mantenimiento y perpetuación. El objetivo de la investigación es comprender la dinámica y la sostenibilidad de la agricultura familiar, teniendo como corte espacio-temporal la región intermedia de Montes Claros en el estado de Minas Gerais / Brasil y analizar las configuraciones de la agricultura familiar a lo largo de la historia. La forma de agricultura familiar ejercida en la región juega un papel notable para la economía y el mantenimiento de una población, son sus producciones y formas de organización las que hacen que las pequeñas granjas sean responsables de gran parte de los alimentos distribuidos en la región, llegando tanto a los grandes supermercados e hipermercados como a los mercados libres y centros de abastecimiento.

Palabra clave: Rural; Asociaciones; Cooperativismo.

Abstract

Rural communities are strong tools for sustainability and strengthening family farming, since they use this system for its maintenance and perpetuation. The objective of the research is to understand the dynamics and sustainability of family farming, having as a spatio-temporal cut the Intermediate region of Montes Claros in the state of Minas Gerais/Brazil and to analyze the configurations of family farming throughout history. The form of family farming exercised in the region plays a remarkable role for the economy and maintenance of a population, it is its productions and forms of organization that make the small farms responsible for much of the food distributed in the region, arriving both in large supermarkets and hypermarkets as well as in the free markets and supply centers.

Keyword: Rural; Associations; Cooperativism.

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar apresenta-se não apenas como opção de organização e de produção menos agressiva ao meio ambiente, mas como meio de conservar diversos recursos naturais por sua relação com a terra não ser unicamente capitalista, levando em conta um tipo de convivência pacífica com seus diversos fenômenos, tanto naturais, quanto humanos. A pesquisa tem como recorte espaço-temporal a região Intermediária de Montes Claros no estado de Minas Gerais/Brasil e a configuração da agricultura familiar ao longo da história, com o objetivo de compreender a dinâmica e a sustentabilidade dessa forma de cultivo na região.

Caminhos metodológicos utilizados na pesquisa permeiam entre a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo, *in loco*, para entendermos como a agricultura familiar se estrutura nessa localidade. Nesta pesquisa, o estudo de caso em famílias das diversas comunidades presentes nos municípios e região, buscou a análise através de entrevistas semiestruturadas com membros das famílias, com pessoas da associação.

Também nas feiras e nos mercados municipais, com o intuito de coletar informações de natureza socioeconômica, cultural e ambiental que respondessem às nossas indagações.

As coletas de dados relativas às áreas estudadas foram realizadas diretamente com os produtores e organizações presentes dentro de cada comunidade, através de métodos qualitativos. Pesquisas qualitativas realizadas em trabalho de campo privilegiam obter questões subjetivas do estudo, que possivelmente não podem ser quantificáveis. Para tanto, metodologias como a organização dos chamados levantamento (questionários semiestruturados) e a história oral são capazes de trazer informações de forma objetiva da população pesquisada e manter aspectos materiais do contexto ou problema estudado. Assim, é possível obter narrativa do grupo pesquisado em relação aos ambientes, instituições e modos de vida (HEIDRICH, 2016).

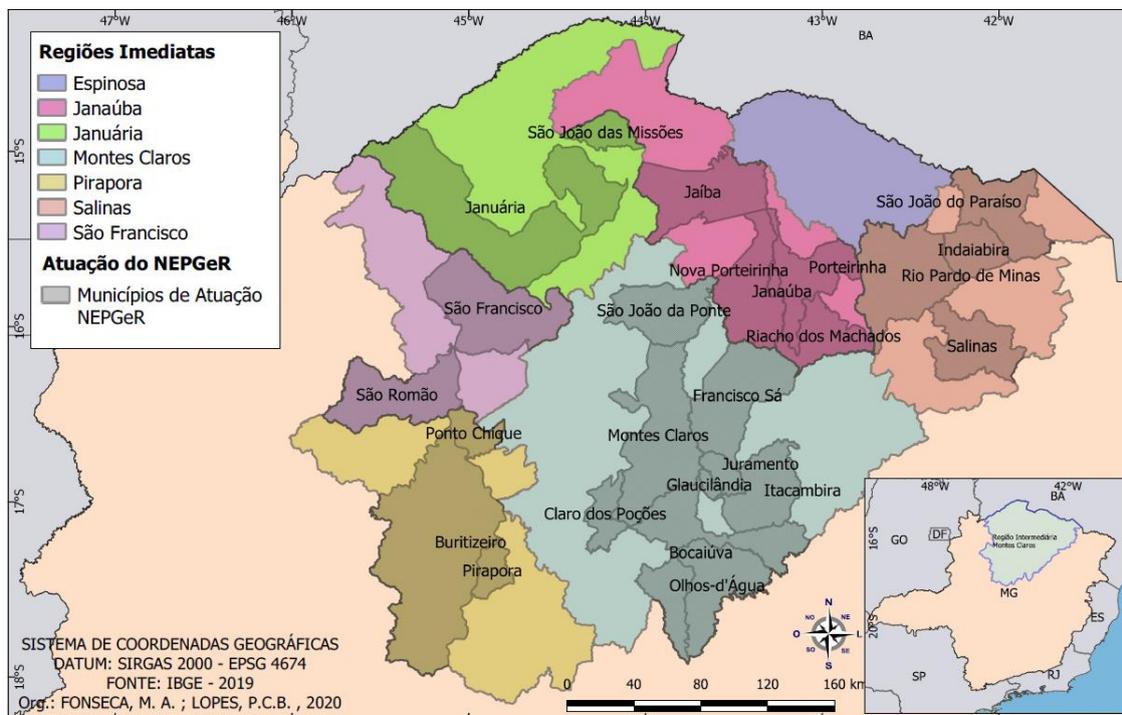
Podemos inferir que a agricultura familiar brasileira e, principalmente a exercida na região imediata de Montes Claros/MG desempenha um papel marcante para a economia e manutenção de uma população. São essas produções que fazem das pequenas propriedades, nas quais a mão de obra familiar constitui a unidade básica de produção e consumo, as responsáveis por grande parte da produção dos alimentos e de matérias-primas, produzindo bons resultados econômicos e sociais para o país.

DESENVOLVIMENTO

Pesquisar a agricultura familiar como sustentabilidade na região Intermediária de Montes Claros no estado de Minas Gerais/Brasil dentro do contexto atual, é algo que leva o Núcleo de Pesquisa e Estudo em Geografia Rural –NEPGeR/UNIMONTES a estudar essa região (figura 1) há mais de uma década. O campo de análise a reflexão são os

aspectos e fazeres das comunidades e populações tradicionais dessa região, que requerem um olhar específico na temática do meio ambiente e sustentabilidade, uma vez que esta propicia o entendimento sobre o que mantém o fortalecimento dessas famílias e garante a sua permanência nesse ambiente rural.

Figura 1 - Área de Atuação do NEPGer/UNIMONTES



Fonte: Acervo próprio, 2020.

Em seus estudos, Sales et al., (2017) correlacionam o desenvolvimento ao processo de crescimento econômico, no que tange apenas ao aumento da produtividade de bens e serviço e, conseqüentemente, um alto padrão de consumo. No entanto, outros autores defendem que o desenvolvimento deve ser analisado não somente pelo viés econômico, mas que para se compreender as transformações socioeconômicas, tecnológicas e distributivas é necessária uma abordagem das múltiplas dimensões que envolvem o desenvolvimento (FERREIRA, 2020).

O conceito de meio ambiente possibilita-nos entender o papel expressivo dessas comunidades e populações para a preservação e a convivência com o meio ambiente e o

seu entorno. Contemplando a realidade e a convivência dessas comunidades rurais Medina (1994, p. 19) indica que:

Meio ambiente é o conjunto das ciências sociais e naturais e suas interações em um espaço e em um tempo determinados às interações da sociedade-natureza. E suas consequências no espaço em que habita o homem e do qual o mesmo é parte integrante.

A partir das ações das comunidades e das populações tradicionais, esse conceito nos permite analisar os rurais dessa região que possuem um modo de vida específico, como é o caso da comunidade do Planalto Rural, das populações de geraizeiros, caatingueiros, veredeiros e tantas outras comunidades que habitam essa região. Esse conceito nos aproxima do entendimento dos habitantes sobre o meio ambiente, que buscam no entendimento da sustentabilidade um novo olhar para a manutenção e a permanência nessas áreas.

O meio ambiente, para essas populações, é uma simbiose em que o feito pontual tem efeito e reflete no todo. Em ponto, o conceito de sustentabilidade que reflete o entendimento local das populações rurais compreende a sustentabilidades das áreas familiares perpassando os limites da natureza. Ocupa também os elementos básicos da sobrevivência do homem, agrupando as dimensões ambiental, política, econômica, social e cultural. Baseamo-nos na sustentabilidade descrita por Saquet (et al., 2010, p. 241):

A sustentabilidade é pensada para além da proteção da natureza, incorporando o território, ou seja, a sustentabilidade política, econômica, cultural e ambiental. A natureza é um patrimônio territorial e precisa ser gerida pela sociedade local articulada a outros grupos sociais com capacidade de autogestão, valorizando a natureza, a ajuda mútua, o pequeno comércio, a autonomia, o trabalho manual do agricultor, os saberes populares, a cooperação, os marginalizados, o patrimônio cultura-identitário, a biodiversidade, as microempresas, enfim, a vida.

O pensamento globalizante da sustentabilidade e das questões ambientais que analisamos nas comunidades pesquisadas, fazem parte de um estado constante de pensamento em que o meio ambiente e a sustentabilidade, não se furta às questões da vivência cotidiana e todas as suas dimensões. Na abordagem das questões regionais, buscamos apoio nos estudos realizados por Barbosa (2008), Chagas (2009), Dayrell (1998), Fonseca, (2014), Pozo (2002) e outros que também já retrataram essa região.

A DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR NA REGIÃO IMEDIATA DE MONTES CLAROS/MG

Vários elementos ajudaram na manutenção dessas famílias no rural, dentre eles a ancestralidade e o tradicionalismo muito fortes nos saberes e fazeres dessas populações, que atrelado ao processo de modernização da agricultura fazem surgir novas formas de organização no espaço rural brasileiro. Um exemplo, são as associações que passam a fazer parte da vida das comunidades com as transformações ocorridas no campo e as políticas públicas implementadas a partir de 1996.

O associativismo rural tornou-se uma das formas de organização que vem se consolidando no espaço agrário do país. É visto pelos agricultores e agricultoras familiares, ora sem meios de competir de forma igualitária com os grandes empreendimentos, como um espaço que possa garantir sua permanência e sua sobrevivência como moradores rurais possibilitando a sua organização e a reivindicação ao Estado. Sobre esse tema, Neves (2008, p.180) ensina que:

No bojo do processo de redemocratização da sociedade brasileira, expressivo de diversos modos de encaminhamento de conjunto de reivindicações advindas principalmente de segmentos populares, sobressai-se a luta pelo acesso à terra e por modos de organização de interesses coletivos, constitutivos dos agentes políticos então emergidos. Para dar corpo ao encaminhamento dessas duas demandas sociais, um dos modelos institucionais encontrados foi o associativismo. Ele foi reconhecido como a forma mais legítima de comunicação delegada e de intervenção nos modos de constituição do Estado de direito.

As políticas públicas juntamente com o processo de associativismo tornam-se um expoente para a manutenção das populações rurais da região, proporcionando a produção de alimentos das comunidades e levando cada vez mais os produtores a acessar os direitos legais, o aumento da produção e a sua qualidade. Os espaços das associações são vistos como instrumento que permite a ocorrência de reuniões e discussões cotidianas das comunidades, possibilitando, assim as tomadas de decisões de forma coletiva.

As técnicas de produção que são utilizadas em algumas propriedades não beiram mais ao modelo convencional de trabalhar a terra, mesmo que com pequenas quantidades de aplicação de defensivos agrícolas, mas, segundo eles, dentro do mínimo possível. Isso porque quando questionados sobre o fato de que essa não utilização poderia levar

fatalmente a uma diminuição da produção e ou produtos com aspectos de um alimento menor e mais exposto a adversidades, os produtores, quase sempre respondiam que já existe uma exigência do mercado para o consumo de produtos não com aspecto grande, especificamente, para a comercialização, mas com aspecto de produzido com menor uso de agrotóxico.

Vale destacar que o modo de escoamento da produção é através das feiras e dos mercados das diversas cidades dessa região, onde os produtores apontaram haver um reconhecimento por parte dos consumidores, em que a produção que não utiliza agrotóxicos ou faz pouco uso são os mais procurados e os primeiros com saída, consequentemente alcançado um preço melhor.

A produção e a distribuição de alimentos pela agricultura familiar também propiciam um ganho às famílias, o que Gazolla (2004) denominou de diversificação das estratégias de vivência dos agricultores, dentre todos os tipos de cultivo que se comercializam. Destacou-se a produção de uma variedade de produtos, tendo, nas hortaliças, verduras e frutas, o carro-chefe da produção.

A AGRICULTURA FAMILIAR E AS COMUNIDADES

Historicamente as comunidades em sua formação eram e são configuradas por agrupamentos familiares nas vizinhanças das fazendas, nos quais eram agregados os sítiantes. Constituíam-se de unidades sociais discretas e fluídicas, agrupando-se e se reagrupando obedecendo a critérios de parentesco ou geográficos, com o objetivo costumeiro das rezas, das festas e da feira (NOGUEIRA, 2009, p. 170). Essa formação permitiu que as famílias mantivessem uma base de organização cotidiana pautada na família e a agricultura não fugia a essa regra. Na discussão atual em torno do conceito de agricultura familiar, em nível governamental, nas universidades e movimentos sociais, deve-se levar em consideração tal organização, a qual é anterior ao conceito abordado atualmente.

A agricultura, ou seja, o modo de trabalhar a terra é feito basicamente na extensão familiar, o que permite uma proximidade de todos. Não há pretensão, neste estudo, de

discutir os diferentes grupos que compõem as populações da região, mas se faz necessária uma abordagem dessas populações do ponto de vista do que chamamos, aqui de agricultura familiar. Essa região está composta por diferentes atores que segundo Cunha (2012, p. 129) “relaciona-se à sua apropriação por grupos diferenciados que forjaram identidades que os vinculam ao meio físico em que se encontram”, é o território apresentado na sua dimensão econômica, cultural e social. Para Fonseca (2014, p.111):

Esses conhecimentos traçam um perfil diferenciado dos agricultores que compõem essa região; portanto, não teríamos como descrever tal região sem analisar, mesmo que rapidamente, essa composição diversa no modo de trabalhar a terra.

No alto da Serra Geral, que corta a região, encontramos os quintais agroecológicos comuns nessa região e em muitas áreas da região Intermediária de Montes Claros. São as áreas que estão próximas das casas ou pouco distantes, mas que têm como base o plantio consorciado entre as diversas espécies frutíferas, hortaliças, grãos e árvores nativas (figura 2 e 3). É possível encontrar quintais com mais de 100 anos de produção, segundo os moradores da região.

Figura 2 e 3 – Imagens dos quintais agroecológicos presentes na região



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Os quintais agroecológicos, em uma de suas funções ambientais, reduzem a pressão predatória sobre o Cerrado. O modo ancestral de cultivo dessa população evita o envenenamento do solo e dos recursos hídricos e reforçam a base familiar, como elucida Fonseca (2014, p.115):

A inerência da produção com base familiar é percebida no conjunto da produção; a família é vista como um elo indissolúvel e necessário para a sua manutenção. O desenvolvimento com base na agricultura familiar tem muito das características da agroecologia, ficando, assim, evidenciado.

Saindo das cristas da Serra Geral onde se encontram as populações geraizeiras que destacamos anteriormente, caminhamos para as barrancas do Rio São Francisco, em que percebemos um misto de agricultura familiar com base nas populações tradicionais e quilombolas, em destaque o Quilombo da Lapinha. Quilombo esse que muitas das suas famílias já praticam a agroecologia baseadas nos saberes, nos métodos e nas técnicas ancestrais, sendo esses métodos que possibilitam a sua sobrevivência e perpetuação. O plantio de vazantes é uma das estratégias encontradas para o correlacionar com a natureza, para o provento de suas famílias, além de modo de resistência ao seu encurralamento.

Na época da cheia do rio São Francisco, que corta as terras quilombolas, a comunidade dispõe de sementes, para futuramente serem plantadas nas beiradas do Velho Chico sem fazer usos de agrotóxicos e fertilizantes industriais. Encontram-se solos férteis originados pelo rio que vem descendo Brasil adentro, trazendo consigo minerais, matéria orgânica e vida, movidos pelas suas águas.

Nessas populações é notória a força que o processo familiar da agricultura mantém junto à coletividade nos Quilombos, e sua diversidade de culturas plantadas, como maxixe, quiabo, mandioca, feijão, milho, alface, pimenta, abóbora e cana-de-açúcar (figura 4 e 5), utilizando o rio em hortas comunitárias, de acordo com falas e fotos extraídos da pesquisa.

Figura 4 e 5 – Cultivos do Quilombo da Lapinha



Fontes: Acervo pessoal, 2020.

Entre as diversidades da agricultura familiar da região encontramos os agricultores e agricultoras que, tradicionalmente mantêm suas atividades em pequenas porções de terras espalhada por toda as áreas entre a Serra Geral e o rio São Francisco. Possuem uma dinâmica mais mercadológica, mas suas práticas mantêm um certo tradicionalismo no modo de vida e de produção.

Elementos como o associativismo e cooperativismo fazem parte mais efetivamente desses agricultores. Elegemos, aqui, a comunidade do Planalto Rural para uma análise da pesquisa

A princípio, a comunidade não acreditava no projeto da associação, havia uma descrença por parte das pessoas, exigindo um esforço dos atores do projeto, visto que entre os mais carentes havia uma cultura de resistência a mudanças. Após muitos diálogos, foi em 1996, que a então chamada Associação do Planalto Rural foi fundada, com aproximadamente 80 associados e que contava com o apoio de técnicos da EMATER/MG, os quais se responsabilizavam por auxiliar os produtores na elaboração de projetos para conseguirem investimentos do Governo Federal afim de desenvolverem

sua agricultura familiar.

A Associação passou a ocupar uma sede com 24 mil m², situada no Km 284 da BR-135, localização que foi fundamental para a organização dos produtores. Os maquinários e equipamentos foram adquiridos por via de parcerias e são hoje utilizados pelos agricultores associados para aumentarem a sua produtividade. A Associação também conta com dois carros provenientes de emendas parlamentares de um Deputado Estadual para o transporte de pessoas necessitando de tratamento de saúde.

Para o senhor José Maria, morador da comunidade, a grande importância da Associação se deu a partir da facilitação do acesso a linhas crédito como demonstra na fala: “facilitou o acesso ao crédito, podendo acionar diversas linhas de créditos e os juros são baixos. Esse fato gerou um movimento na comunidade, tanto de dinheiro quanto de melhoria na qualidade de vida” (Entrevista realizada em 17/12/2011). E, reafirmado em entrevista em agosto 20/08/2023.

Já para Seu Adriano, outro morador da comunidade, a facilidade de crédito propiciado pela Associação “com o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF –, principalmente com a linha de custeio, pôde até melhorar as estruturas das casas” (Entrevista realizada em 10/12/2011). E, reafirmado em entrevista em agosto 20/08/2023.

O sonho de gerar emprego e aumentar a renda por meio da Associação, a partir do aumento da produção da agricultura familiar e da conquista de novos mercados, começava a se concretizar, pois a produção diversificou com a possibilidade de ampliar seus compradores. É possível observar em áreas relativamente pequenas uma produção comercial expressiva e diversificada, que emprega todas as famílias associadas na produção de beterraba, cenoura, chuchu, morango, milho, feijão, couve, tomate, abóbora, mandioca, quiabo, morango, entre outros (figura 6). São produções que mantêm o emprego e renda dessas famílias.

Figura 6 – Área de produção familiar da Associação do Planalto Rural



Fonte: Acervo próprio, 2020.

Um novo olhar dos associados para a produção e para a distribuição de alimentos pela agricultura familiar no Planalto Rural foi apresentado em discussão. Com a notoriedade e ampliação na região os associados tiveram que optar por uma nova forma de organização. Assim, em meados de 2019 devido à necessidade legal perante o Estado, dado ao valor da sua renda, a Associação do Planalto Rural passa a ser a Cooperativa de Produtores Hortifrutigranjeiros da Região do Pentáurea – COOPROHPEN.

A cooperativa surge como modo para se inserir de forma mais competitiva no mercado e na produção rural. O cooperativismo contribui para a inserção e competição dos produtos no mundo globalizado, auxiliando no fortalecimento e potencialização das comunidades (ANDRADE; ALVES, 2007, p.199).

Atendendo tanto a demanda quanto a procura, agora os 121 cooperativados da região, buscam na agroindústria de conservas de legumes e vegetais, sucos e concentrados

de frutas e conservas de frutas formas de ampliar o seu mercado. Produção essa que alcança números expressivos em entregas a grandes supermercados da região, demonstrando a sua capacidade de cada vez mais fazer parte do mercado competitivo, com alimentos da agricultura familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, cujos resultados apresentamos objetivou a compreensão da dinâmica e da sustentabilidade da agricultura familiar na região Intermediária de Montes Claros. Utilizamos o método qualitativo para a discussão dos dados, sendo importantes para traçarmos um panorama possível de analisar as comunidades, suas formas de manutenção e as estratégias baseadas na agricultura familiar. Percebemos que os agricultores têm uma diversidade de produção em que ora são agricultores, ora são extrativistas ou comerciantes.

As famílias continuaram morando nessas unidades motivadas por dois fatores bem distintos, o primeiro é a relação de pertença das famílias como “lugar” de vivência, e o sentido de proteção que este “lugar” oferece a elas. O segundo é mais recente, eles veem nas áreas rurais, uma nova perspectiva de vida presente nos últimos anos, dado ao novo olhar governamental para essas áreas e devido ao acirramento dos problemas ambientais em nível global, regional e local. Isso nos leva a compreender a necessidade de preservação e de produção com menos agrotóxico e de maneira mais ecológica.

Por fim, podemos concluir que a manutenção da população na região Intermediária de Montes Claros perpassa por uma organização, ao mesmo tempo, antiga e que se mantém baseada em certas tradições e no tradicionalismo ou os novos caminhos propostos. Principalmente, por um novo olhar para o campo, sejam pela sociedade, por uma retomada de conhecimento dessas populações do seu papel como autores modificadores do seu espaço ou por incentivo governamental, que têm dado um novo sentido para essa região. Sentido este que reflete novas possibilidades para o estudo e a perspectiva do rural com base na prática e organização desses agricultores familiares por parte da universidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C.; ALVES, D. C. Cooperativismo e Agricultura Familiar: um estudo de caso. **Revista de Administração IMED**, n. 3, v. 3, p. 194-208, 2013. - ISSN 2237 7956.

BARBOSA, C. C. A feira, a cidade e o turismo: **Conceito, definições e relações com o lazer e a cultura em Montes Claros/MG**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

CHAGAS, I. Estrutura e funcionamento do Bioma Cerrado. In: **Caderno Geográfico**. Montes Claros/MG: Editora da UNIMONTES, ano III, v. 3, 1999.

CUNHA, M. G. C. Territorialidades sertanejas: permanências e transformações no espaço rural norte mineiro. In COSTA, J. B. A.; LUZ, C. O. (Orgs.). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. Montes Claros/MG, São Paulo: UNIMONTES, Interméios Cultural, 2012, p.129-144.

DAYRELL, C. A. **Os Geraizeiros e a biodiversidade no norte de Minas Gerais: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistema tradicionais**. 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Internacional de Anda Lúcia, Huelva/Espanha, 1998.

FONSECA, Ana Ivania Alves. **Agricultura familiar como sustentabilidade: estudo de caso do planalto rural de Montes Claros - MG**. Unimontes, Montes Claros, 2014.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. 2004. 287 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

HEIDRICH, A. L. **Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade** In: HEIDRICH, A. L.; PIRES, C. L. Z. (orgs.). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em Geografia e saberes sobre espaço e cultura*. Porto Alegre: Editora Letral, 2016, p. 15-33. DOI: 10.21826/9788563800220

MEDINA, N. **Educação ambiental: uma nova perspectiva**. Cuiabá: Secretaria Municipal de Educação e Universidade Federal do Mato Grosso, 1994. (Série Cadernos Pedagógicos).

NEVES, D. P. O associativismo e a comercialização agrícola: dilemas do processo de assentamento rural. In: **Reforma agrária e desenvolvimento: desafios e rumo da política de assentamento**. São Paulo: UNIARA, 2008, p. 348.

NOGUEIRA, M. C. R. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais.** 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009.

POZO, O. V. C. **Regime de propriedade e recursos naturais: a tragédia da privatização dos recursos comuns no Norte de Minas.** 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - ICHS- CPDA, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2002.

SAUET, M. A. et al. Agroecologia como estratégia de inclusão social e desenvolvimento territorial. In: **Geografia Agrária, Território e Desenvolvimento.** 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010, p. 237-254.